

Velhice, experiência e resistência: a resignificação da memória nas obras de Ingmar Bergman e Walter Benjamin

RAFAEL DE SOUZA DIAS*

Resumo

Este texto apresenta uma breve reflexão sobre o ato de rememorar como um exercício motivador e gerador de novas perspectivas diante da vida na velhice. Para sua elaboração, utilizou-se como referência o filme “Morangos Silvestres”, de Ingmar Bergman, e o texto “A Infância em Berlim por volta de 1900”, de Walter Benjamin. Na obra literária, nos deparamos com a autobiografia de um filósofo que escreve diante da perseguição nazista e que vê a sua cidade sucumbir aos poderes autoritários, utilizando-se, assim, da memória como uma forma de lutar contra a opressão. No cinema, acompanhamos um personagem idoso e supostamente fictício que ao perceber a proximidade da morte, mergulha em uma viagem através de sua juventude, onde revê suas escolhas e avalia sua vida. Em ambas as obras, os personagens fazem das suas lembranças uma forma de resignificar o presente.

Palavras-chave: Envelhecimento; reminiscências; cinema.

Abstract

This article presents a brief reflection on the act of remembering as an exercise motivator and generate new perspectives on life in old age. For its preparation, was used as a reference the movie "Wild Strawberries" by Ingmar Bergman, and the text "A Berlin Childhood around 1900" by Walter Benjamin. In literary work, we came across the autobiography of a philosopher who writes in the face of Nazi persecution and to see your city succumbing to authoritarian powers, using thus the memory as a way to fight oppression. In film, we follow an old and supposedly fictional character to realize that the proximity of death, plunges into a journey through his youth, where their review and evaluate your life choices. In both works, the characters are your memories of a way to reframe the present.

Key words: Aging; reminiscences; film.



* **RAFAEL DE SOUZA DIAS** é Doutorando em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

*O mar azul e branco e as luzidias pedras
Onde o que está lavado se relava
Para o rito do espanto e do começo
Onde sou a mim mesma devolvida
Em sal espuma e concha regressada
À praia inicial da minha vida.
Sophia de Mello Breyner Andresen*

O envelhecimento é um processo natural, visto que enfrentamos nosso próprio envelhecer desde o dia do nascimento até o dia da morte. Assim, a menos que o sujeito venha a falecer mais cedo, não se atravessará a fase da velhice.

Embora esse assunto nos pareça familiar, há aqui a necessidade de se diferenciar os termos. O envelhecimento é o caminho seguido pelas nossas células que estão em constante desgaste, assim como o nosso corpo. Já a velhice, mais do que uma questão puramente estética, trata-se de uma fase, assim como a infância e a vida adulta.

Mesmo sendo um processo heterogêneo e natural dos seres vivos, o envelhecimento ainda é visto como um estigma. A velhice é vista como uma fase difícil, talvez por ainda não sermos capazes de enxergar além das mudanças físicas e estéticas que ocorrem e por não a valorizarmos a partir das experiências vividas e realizações pessoais.

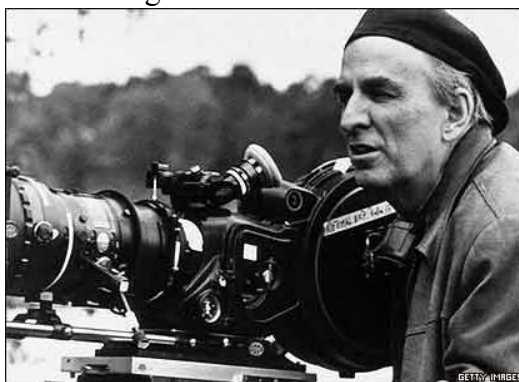
Para Guimarães (2007) o problema da velhice não é a velhice em si, mas como a sociedade se coloca diante dela. Não compreendemos a velhice em sua totalidade, pois nos falta conhecer o valor de toda uma vida.

Não saberemos quem somos se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamos-nos neles. Isso é necessário se quisermos assumir em sua totalidade a nossa condição humana. (Beauvoir, 1990, pp.12)

Não é fácil falar sobre velhice, descreve ainda Simone de Beauvoir (1990), em seu antológico ensaio. Além dos fenômenos biológicos, que transformam singularmente o organismo humano, existem as consequências psicológicas que se relacionam não somente com a sociedade em que este idoso está inserido, mas também com o tempo: o indivíduo está condicionado às condições práticas e ideológicas de sua época.

Um dos mais belos filmes sobre as nuances da existência, “Morangos Silvestres” [Smultronstället], dirigido por Ingmar Bergman, trata de envelhecimento e memória, sendo uma obra cinematográfica marcada pelo silêncio nos devaneios do personagem central e pela lentidão com que fluem as recordações de um sujeito que não é mais jovem.

Ingmar Bergman é, reconhecidamente, o grande cineasta que soube em suas obras discutir profundamente aspectos ligados à existência humana, como a solidão, a velhice, a religião, a



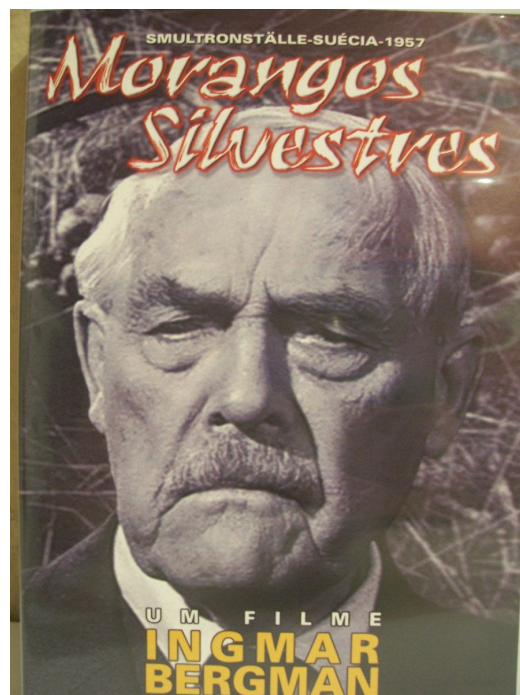
Ingmar Bergman (1918-2007)

impossibilidade de comunicação entre as pessoas e a morte. Filho de um pastor da Igreja Luterana do Estado, viveu a infância num lar frígido onde as tradições impediam a manifestação calorosa de afeto entre os membros da família. Em algumas de suas reflexões, lembra algumas das poucas coisas que lhe traziam algum conforto e segurança em sua meninice. Suas vivências e questionamentos foram claramente inspiradores para suas obras no teatro e no cinema:

Às vezes eu vivo em minha infância. Quando vou dormir, pouco antes de adormecer, sou capaz de passar por todos os quartos da casa de minha avó... o que pode ser extremamente fotográfico. Quando estou infeliz, recuo até aquela parte da minha vida com minha avó sempre paciente, firme e bondosa. Ainda hoje passeio pela paisagem da minha infância e vivencio luzes, odores, quartos. (BERGMAN, apud BRAGG, 1995, p. 51)

No início de “Morangos Silvestres”, nos é apresentado o personagem Eberhard Isak Borg. Aos 78 anos, renomado professor de medicina, Isak prepara-se para viajar de avião para a cidade de Lund, localizada na região sul da Suécia, onde receberá um título honorário em reconhecimento a sua carreira como médico e docente.

No entanto, na noite anterior à viagem, Isak tem um sonho: durante a sua caminhada matinal, se perde em uma parte desconhecida da cidade, com ruas estreitas, desertas e casas em ruínas. O relógio da rua não tem ponteiros. Um homem aparece de costas, e Isak caminha em sua direção. Ao se virar, o sujeito não tem rosto. Em seguida cai e se dilui. O ponto alto do sonho acontece quando uma carruagem, sem cocheiro para direcionar os cavalos, choca-se



com um poste. Uma das rodas se quebra, a carroça cai e percebe-se que a mesma carrega um caixão. Isak se aproxima e percebe que é ele mesmo quem estava sendo transportado ali dentro.

Incomodado com o sonho, o personagem resolve que irá dirigir até Lund, juntamente com sua nora. Durante o trajeto, resolve tomar um desvio para mostrar à moça um lugar muito especial: a chácara onde passou os verões na juventude. Por alguns instantes, o personagem observa a paisagem e senta-se no chão, num pedaço do jardim onde, há muitos anos, havia um canteiro de morangos silvestres. E é este canteiro, agora sem os morangos, o responsável por emergir as memórias da juventude de Isak. *“É possível que eu tenha ficado sentimental. Talvez estivesse cansado ou nostálgico. Foi então que percebi que pensava em coisas que estavam ligadas à minha infância. Não sei como isto aconteceu, mas a luz do dia clareou mais ainda as imagens das minhas lembranças que passavam pelos meus olhos com toda a força da realidade”*,

diz o personagem antes de lançar-se em uma nostálgica viagem dentro de si.

Através da memória, Isak transporta-se ao passado, sem mudar de cenário ou de lugar. Ali se viam pessoas no jardim. A prima Sara, sua grande paixão, e com quem se casara, colhia morangos. Seu irmão entrara em cena seduzindo a jovem. Neste momento, Isak vivencia cenas e ouve diálogos que ele mesmo não presenciara no momento que teriam acontecido.

Manifesta-se aqui o que Maurice Halbwachs conceituou como a *Memória Coletiva*. Halbwachs desenvolveu o conceito em 1925, aplicando-o aos seus estudos sobre como o passado é recordado por famílias, grupos religiosos e classes sociais. Seu argumento é que qualquer análise sobre as recordações pessoais devem levar em consideração a influência exercida pelas instituições sociais como o parentesco, a comunidade e a religião.

A memória é uma conservação de si. Ao rememorar, o sujeito evoca e transmite o conteúdo de suas vivências, enquanto vive com vigor a experiência, crescendo e fazendo crescer a sociedade na qual está inserida (BOSI, 2003). Contar e recontar nunca são em vão: a repetição atualiza e ressignifica o tempo passado, onde nenhuma experiência é insignificante.

A memória, para Halbwachs, por mais particular que possa parecer, sempre remeterá a um grupo. O indivíduo carrega as lembranças em si. No entanto, ele está sempre interagindo com a sociedade e as instituições. No âmago destas relações, as nossas lembranças se constroem. Para o filósofo, por sermos sujeitos coletivos, nossa memória está impregnada das memórias do nosso grupo.

A memória coletiva contribui significativamente na produção do sentimento de pertencimento, garantindo a identidade individual a partir da memória compartilhada no campo real, histórico e simbólico (HALBWACHS, 1990).

As imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso *eu* como testemunha Maurice Halbwachs:

Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro. [...] Não é tão fácil modifica as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores. [...] Nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço — aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir — que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p.131-143).

E se no cinema Bergman soube representar o conceito de memória coletiva com precisão, talvez o melhor e

mais claro exemplo deste tipo de memória na literatura tenha sido definido por Saramago:

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódio que eu tivesse ator inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não falariam também elas por terem ouvido contar a outras pessoas. (SARAMAGO, 2006, p. 58)

Ricouer (1994) apresenta alguns questionamentos que nos levam a uma reflexão profunda no que se refere à memória, ao ato de lembrar e as emergências que surgem disto: cem anos podem estar presentes ao mesmo tempo? Como o tempo pode ser, se o passado não é mais, se o futuro não é ainda e se o presente nem sempre é?

Confiando à memória o destino das coisas futuras, pode-se incluir memória e espera num presente ampliado e dialetizado. Para Ricouer, há três tempos: o presente do passado (a memória), o presente do presente (a visão) e o presente do futuro (a espera).

O presente é o tempo da preocupação e é por intermédio da relação entre a situação e a necessidade de resolução que repensamos o presente de modo existencial. É preciso falar de presente no sentido de tornar presente (RICOUER, 1997).

“Morangos Silvestres” se encaixa também naquilo que Baudelaire analisou como uma concepção proustiana de memória como reviver. A memória aqui está repleta de saudades, buscando a reparação e apostando no que ainda pode ser feito. O idoso relembra festas, diálogos, pessoas,

cores, sabores, texturas e emoções que o atravessaram ao longo do tempo. Yi-Fu Tuan (1983) definiu isto como os “lugares da memória”. Estes “lugares” são transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais íntimo e profundo da memória, mas não são guardados como fotografias em um álbum nem percebidos como símbolos comuns: mesmo associados a objetos, quando lembrados produzem uma intensa satisfação.

Em a “Infância em Berlim por volta de 1900”, Walter Benjamin apresenta uma série de textos autobiográficos onde estas sensações não estão isoladas na vida coletiva, mas sim associadas a outros componentes da vida social: a memória dos odores, sons e cores como memória de fatos, situações, ocorrências e lugares são marcadores culturais de momentos da história social (MARTINS, 2008).

“Infância em Berlim...” é produto de um autor que vivia um turbilhão de sentimentos no ano de 1932. Perseguido politicamente e fracassado na vida amorosa e profissional, Benjamin chegou a escrever neste mesmo ano uma série de cartas de despedida onde anunciava o seu suicídio.

Neste período, fez uma viagem às suas memórias de infância: o pátio de flores onde encontrava a sua avó; a lontra do zoológico que considerava um animal sagrado e por quem tinha uma grande admiração; a escrivãzinha, a qual considerava como melhor amiga.

Aqui não cabe saber se as histórias são verdadeiras ou invenções daquilo que o autor gostaria de ter vivido, pois como o próprio diz “em cada versinho cabe todo o mundo deturpado da infância”.

Se podemos dizer que Walter Benjamin integrava uma classe dominante, a grandeza deste texto reside na voz do

autor, neste momento um exilado, e também na experiência histórica da revoltas e desejos coletivos, em particular dos pobres do proletariado urbano (GAGNEBIN, 1994).

Benjamin vai além do que poderia ser somente um relato de um garoto sensível: quando fala de si, desfaz qualquer sentimento de clausura ao mesmo tempo em que apresenta uma sociedade prestes a desmoronar sem que para isso se utilize de um discurso militante.

Recordar, aqui, é uma forma de lutar contra a opressão. Lembrar o passado é pensar no futuro. E diante da destruição de sua amada Berlim, o adulto evoca a criança dentro de si para não permitir jamais que a inocência e a liberdade sejam degradadas pelo ódio, pela intolerância e pela insanidade.

Gagnebin (1994) aponta que Benjamin ao suicidar-se em setembro de 1940 na fronteira dos Pirineus, entre a França e a Espanha, escapou. Sua morte voluntária foi uma fuga e talvez uma vitória sobre o regime nazista que o perseguia.

A análise feita por Durkheim (1968) sobre o suicídio revela que o homem, sujeito social, supõe uma sociedade que ele exprime e à qual serve. Quando esta sociedade se desagrega e o sujeito passa a não senti-la mais viva, vê-se desprovido de todo fundamento objetivo: o homem social é quem paga o preço de sua existência¹.

¹ Quem também falou sobre isso foi Maurice Halbwachs. Além do conceito de Memória Coletiva, Halbwachs é conhecido por sua análise sobre o suicídio. Em 1930 ele publicou uma obra intitulada "As Causas do Suicídio", onde define que "as causas do suicídio são sempre sociais", oriundos de costumes familiares, religiosos ou políticos. Sua reflexão é muito parecida com as de Durkheim, de quem Halbwachs era discípulo

A crítica benjaminiana é inspirada na iminência dos catastróficos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e sua leitura e releitura, segundo Kaufman (2010), volta a nos iluminar na busca incansável e emancipada de suas – nossas – próprias e inevitáveis fraquezas. No sonho de Isak em "Morangos Silvestres", o caixão que se abre comporta o seu próprio corpo. O Isak "defunto" abre os olhos e estende a sua mão ao Isak "vivo". Aqui, assim como em "Infância em Berlim...", o sujeito percebe a possibilidade do fim e resiste, através de suas lembranças.

Em ambas as obras, os autores vão a fundo à origem do conhecimento e eterno aprendizado humano.

Para Benjamin, o prazer do/no conhecimento está no processo de aquisição do mesmo. A alegria do aprender a andar de bicicleta, por exemplo, é enorme quando o sujeito está tentando, inseguro, equilibrar-se sobre as duas rodas, e explode quando, pela primeira vez, consegue dar suas pedaladas sem cair, como se a partir daquele momento, o veículo tivesse sido domado não pela força, mas sim pela mente: basta sentar na bicicleta e mover as pernas, e ela nos levará para onde quisermos.

No filme de Bergman, Isak está o tempo todo rememorando e aprendendo. Para perceber isso, é preciso estar atento, pois as mudanças no personagem são internas e suavemente externalizadas através de delicados sorrisos e outros gestos.

Essa ressignificação das memórias está presente na obra de Halbwachs, quando esse autor diz que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje, as

experiências do passado (HALBWACHS, 1990).

Assim, segundo Antunes (2008), este processo pode também proporcionar reflexões e metas a cerca dos enfrentamentos, na medida em que estabelece pontes entre o que foi lembrado e o que está por vir, podendo muitas vezes servir como revisão de vida e contribuir com os impulsos para o agir.

A idéia de valorização da memória é defendida também por Walter Benjamin (1985) em outro texto de sua autoria, intitulado “O Narrador”, para quem é fundamental preservar a memória daqueles que não tem lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos.

Segundo Bobbio (1997), “se o mundo do futuro se abre para a imaginação, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo às lembranças, podemos buscar refúgio, debruçar-nos dentro de nós mesmos e nele reconstruir a nossa identidade”.

O personagem Isak parece fazer uma viagem a um lugar que ele mesmo não sabia que existia, localizado entre o ser interno e o ser externo: o homem sem rosto presente no sonho é aquele Isak que ele mesmo não conhece.

As obras de Ingmar Bergman e Walter Benjamin se encontram na forma de narrar. Ambos inserem alegria, riso e celebração no que poderiam ser uma viagem melancólica, cheia de dores e tristezas.

Algumas considerações

Logicamente as obras analisadas aqui podem (e devem) ser exploradas em cada um de seus aspectos. Esta breve reflexão surgiu a partir das rodas de conversa realizadas ao longo da disciplina Teorias da Educação, organizada pelo Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG). Das discussões em grupo durante as aulas e nos diálogos que as sucediam, geralmente sentados no chão à sombra das aroeiras, emergiram alguns importantes aspectos da nossa formação como pesquisadores. Destaca-se aqui um destes principais itens: o envolvimento pessoal do pesquisador com o seu foco de pesquisa é fundamental para o desenvolvimento de reflexão que transforme não somente ao universo pesquisado, mas também o próprio pesquisador.

Ingmar Bergman e Walter Benjamin apresentam belos e profundos trabalhos que falam não somente de si, mas também para si. Ao refletirem sobre a sua existência, os seus atos e os sujeitos ao redor, o personagem Isak e o “jovem-menino-adulto” Benjamin ressignificam as suas vidas e partir disto apresentam-se capazes de transformar o ambiente, seja através de atitudes mais gentis por parte do carrancudo personagem central de Morangos Silvestres ou a partir de textos como “Infância em Berlim...”, que encantam, influenciam e inspiram pesquisadores a mergulharem dentro de si e retirar desta experiência o sentido do seu trabalho. Assistir e ler essas obras são atitudes prazerosas e de profunda meditação.

Referências

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENCINI, R. **O passado que não está nos livros de História**. Nova escola, São Paulo, n. 167, nov. p. 42-47, 2003.

BENJAMIN, W. A infância em Berlim por volta de 1900. In: **Obras escolhidas III** – Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas I** – Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOBBIO, N. **O tempo da memória**: De senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGG, M. **O sétimo selo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DURKHEIM, E. Suicídio egoísta. In: RODRIGUES, J. A. Durkheim: **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. Campinas: Editora Perspectiva, 1994.

GUIMARÃES, E. **Reflexão sobre a velhice**. Juiz de Fora, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KAUFMAN, A. **Memória presente**: discutir Walter Benjamin no campo do horror. Jornal o Globo, Caderno Prosa & Verso, 11 de setembro de 2010.

MARTINS, J.S. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2006.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**: tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

_____. _____. tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Referências de filmes

Morangos Silvestres. Direção de Ingmar Bergman. Suécia, ABS Svensk Filmindustri. Vesátil Home Video, 1957. 95 min: em preto & branco, DVD.

Recebido em 2014-08-28
Publicado em 2014-10-15